



# IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

## “Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

### COMO SE DÁ O TRABALHO DOCENTE DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Maria José de Jesus Alves CORDEIRO (UEMS-Paranaíba)<sup>1</sup>

Luan Angelino FERREIRA (UEMS-Paranaíba)<sup>2</sup>

Eixo 6 – Trabalho Docente

#### Resumo:

O presente trabalho visa fomentar discussões acerca do trabalho docente dos profissionais que atuam na Educação Infantil. É notório que os cursos de Pedagogia têm em sua maioria alunas do sexo feminino, por isso, a necessidade de refletir acerca dos papéis sociais determinados em nossa sociedade, os quais associam o curso de Pedagogia por exemplo, a apenas um gênero, no caso o feminino. Nesse sentido é preciso compreender como se dá o trabalho docente de professores homens que atuam na Educação Infantil que atende um segmento que necessita de atenção e cuidados, ou seja, a ajuda e o contato de um adulto. A partir dos estudos de gênero, a proposta é entender o porquê de se encontrar poucos professores homens atuando na Educação Infantil, bem como, desnudar se existem preconceitos e dificuldades vivenciados por eles quando estão em atuação. Utilizando-se de um estudo bibliográfico com base em pesquisas de autores que também se debruçam sobre a temática, apresenta-se no corpo deste breve estudo alguns apontamentos sobre as dificuldades encontradas por esses profissionais, dificuldades estas vinculadas aos preconceitos e discriminações advindos da sociedade como um todo e da comunidade escolar, gerando barreiras na atuação, ou seja, discursos de que homem não tem o dom, atenção e jeito para lidar com crianças pequenas e, minimizando a questão da formação profissional.

**Palavras-chave:** trabalho docente. Professores Homens. Educação Infantil. Gênero.

#### Introdução

Este estudo tem como objetivo discutir sobre o trabalho docente dos profissionais que atuam na Educação Infantil, a partir da reflexão acerca dos papéis sociais presentes em nossa sociedade em relação ao curso de Pedagogia, já que este

---

<sup>1</sup> Maria José de Jesus Alves Cordeiro UEMS/Paranaíba [profamaju@gmail.com](mailto:profamaju@gmail.com)

<sup>2</sup> Luan Angelino Ferreira Mestrando em Educação UEMS/Paranaíba [luan.angelino@hotmail.com](mailto:luan.angelino@hotmail.com)

possui em sua maioria alunas do sexo feminino, fato que gera uma escassez de professores do sexo masculino atuando na Educação Infantil.

Historicamente a Educação Infantil ficou conhecida como um trabalho destinado para mulheres, visto como uma extensão do lar, de caráter assistencialista. Atualmente a Educação Infantil respaldada na Lei n. 9394/96 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, não é compreendida somente como um espaço vinculado ao cuidar, pois seu foco principal é o desenvolvimento integral da criança.

De natureza bibliográfica, o estudo está apoiado em Chamon (2005), Louro (2001), Monteiro e Altmann (2014), Sayão (2005) dentre outros autores que discutem a temática.

O artigo está dividido em três sessões, a primeira trata das relações de gênero na profissão docente, a segunda apresenta alguns apontamentos sobre as dificuldades encontradas pelos profissionais do sexo masculino para atuar na educação infantil e por fim, na terceira sessão as considerações finais.

### **Relações de gênero na profissão docente**

A educação infantil de acordo com a Lei 9394/96 na seção II em seu artigo 29, é considerada como a “[...] primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL,1996). Analisando este artigo da lei, a criança é compreendida como um indivíduo em desenvolvimento, e na unidade escolar, devem ser trabalhados esses aspectos de forma a complementar a ação da família e da comunidade.

Sabemos que não existem mais apenas uma forma de organização familiar em nossa sociedade, entretanto, o contato que crianças tem no âmbito familiar e/ou na comunidade em que convive estão presentes ambos os sexos (masculino e feminino). Entretanto, pergunta-se: qual o fator que prepondera na existência de poucos homens atuando na Educação Infantil? Neste contexto, buscamos aqui encontrar respostas para esse questionamento, bem como elencar os preconceitos e dificuldades enfrentadas por professores homens que buscaram quebrar paradigmas sociais e atuar em uma profissão que socialmente é entendida como do sexo feminino.

De acordo com a autora Izquierdo (1994) *apud* Sayão (2005) a sociedade se constitui em dois gêneros, ou seja, o que produz e reproduz a vida humana e o que

produz e trata da administração da riqueza. De acordo com a autora o primeiro gênero está associado ao feminino, pois está entrelaçado com a maternidade e vincula-se ao corpo das mulheres. Discutir as questões de gênero, assim como salienta a autora Louro (1997), requer entendimento de como se dá as relações no campo social, pois é no social que as desigualdades de gênero se perpetuam e consegue-se visualizar os alinhamentos das profissões aos papéis sociais.

Partindo dessa corroboração, Chamon (2005, p.17) traz que:

Um número significativo de trabalhos tem mostrado que as possibilidades de profissionalização da mulher, regra geral, têm estado em consonância com os papéis e atributos tradicionalmente designados ao gênero feminino, ou seja, aqueles papéis profissionais que são extensivos ao trabalho doméstico – característico do mundo privado. Às mulheres, tem sido atribuído o trabalho reprodutivo não só em nível biológico, mas também em nível social, como se esse trabalho fosse inerente à natureza feminina.

A educação infantil é uma das profissões que é compreendida socialmente como um trabalho exclusivamente das mulheres, ou seja, como uma extensão do lar e/ou lida com o cuidado, alimentação e higienização.

Todavia, cabe aqui ressaltar que o curso de Pedagogia, antes entendido como magistério, o qual habilita profissionais também para atuarem na Educação Infantil, não nasceu como uma profissão das mulheres, mas de acordo com Chamon (2005, p.43) se tornou, pois,

O magistério não nasceu como uma ocupação feminina, quer no Brasil, quer em outros países. Ele se transformou em ocupação feminina, carregando em seu bojo um valor peculiar: o de cumprir, estrategicamente, o papel de produzir uma nova forma de organização escolar que surgia com os ideais republicanos. Também, esse magistério carregava o valor de reproduzir a ordem de uma nova lógica da organização do processo de trabalho, emergente no Brasil, condizente com um amplo movimento das sociedades ocidentais, em torno do modo de produção capitalista.

Entretanto, se hoje nos referimos a pouca presença de homens na Educação Infantil ou da feminização do magistério “[...] é porque as mulheres passaram a ocupar um espaço ao qual não tinham acesso, pois estudar foi, antes de tudo, um direito negado às mesmas por todo esse tempo” (FERREIRA, 2008, p.76). Desta forma, vimos que as mulheres tiveram seus direitos negados durante muito tempo, além de serem inferiorizadas em relação ao homem. Só então, por meio de muita luta por

reconhecimento, conseguiram alcançar seu espaço na sociedade, especialmente na educação, com destaque para a educação de crianças.

### **Homens na Educação Infantil x dificuldades**

É comum quando se referir a gênero e logo remeter-se as mulheres, e não seria por menos, já que o termo surgiu a partir de lutas travadas por elas em busca de igualdade e respeito. Contudo, de acordo com Louro (1997, p. 22) “ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres, eles estarão agora, de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens”.

Encontrar professores homens na Educação Infantil é raro e quando encontrados, constata-se que inicialmente para serem aceitos, de acordo com Ramos (2011, p. 61) “os professores do sexo masculino passam pelo crivo e pela vigilância dos adultos, especialmente quando a função no interior da instituição infantil exige a execução das funções relacionadas ao cuidado das crianças”. É nessa perspectiva, ainda em consonância com este autor, que a categoria gênero nos ajuda a compreender as diferenciações estabelecidas entre homens e mulheres em diferentes espaços e funções.

Nos estudos de Souza (2011), verifica-se também o estranhamento inicial e julgador dos adultos até que esse professor constitua sua identidade profissional. De acordo com este autor “passa de um estranhamento inicial a uma (re) significação da presença masculina na instituição à medida que nas relações cotidianas entre a comunidade escolar e o professor, foi se criando um ambiente de confiança neste profissional” (p. 40).

Monteiro e Altmann (2014, p. 723) pontuam que existe uma segregação decorrente da divisão sexual do trabalho de homens na Educação Infantil, ou seja,

[...] com o trabalho das mulheres associado à esfera reprodutiva e o dos homens, à esfera produtiva. A educação de crianças pequenas é associada ao âmbito do trabalho doméstico e à esfera reprodutiva, sendo, dessa forma, naturalizada como área de atuação feminina.

Para as autoras a proposta do cuidar e educar aparecem atreladas a ideia da maternidade e em âmbito doméstico. Elas mostram que a construção da profissão de educador infantil sempre esteve atribuída ao gênero feminino.

Desta forma, Rosemberg (1999, p. 11) explica que,

A educação infantil – tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola – é uma atividade historicamente vinculada à “produção humana” e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim-de-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período.

Observa-se que a educação infantil, tanto ofertada em creche como na pré-escola é uma atividade historicamente considerada do gênero feminino. Está claro nesse posicionamento que há uma separação que considera os trabalhos de homens e trabalhos de mulheres. Essa ideia vincula-se a cultura de que o trabalho exercido por homens tem maior valor do que os exercidos por mulheres. As práticas sociais, nesse contexto, são reduzidas aos papéis que limitam o gênero ao sexo biológico (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Nesse sentido, Monteiro e Altmann (2014), em seu trabalho intitulado “Homens na Educação Infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação” apresentam um estudo de Mestrado sobre a trajetória profissional de um grupo minoritário de homens que atuam na Educação Infantil e as dificuldades vivenciadas por eles nesse nível de ensino numa instituição da rede municipal de Campinas/São Paulo.

A seguir no quadro 1 constam as dificuldades encontradas pelo grupo de homens pesquisados, que foram classificadas pelas autoras em dois tipos:

Quadro das dificuldades encontradas no início da carreira na Educação Infantil na rede municipal de Campinas-SP.

| Tipos de dificuldades  | Descrição  |
|--|--|
| Dificuldades próprias do trabalho pedagógico na educação infantil na rede municipal        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhar diariamente com uma mesma turma.</li> <li>- Condições de trabalho.</li> <li>- Situações nas quais as crianças se machucam.</li> <li>- Considerar-se com êxito na execução do planejamento dos tempos e espaços.</li> <li>-Diferenças nas concepções de educação infantil</li> </ul> |
| Dificuldades decorrentes da presença masculina em uma profissão naturalizada como feminina | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Abaixo-assinado solicitando a retirada do professor da sala.</li> <li>- Transferência de crianças para outras turmas.</li> <li>- Questionamentos com relação aos momentos de higiene e uso dos sanitários.</li> </ul>   |

Foram enumeradas várias dificuldades enfrentadas pelos homens ao adentrarem o espaço da Educação Infantil, tanto próprias do trabalho pedagógico como aquelas oriundas da presença masculina, em uma profissão naturalizada como feminina. A maioria, segundo as pesquisadoras, relatou que há um tipo de “estranhamento” em relação ao trabalho desenvolvido por eles e também um “olhar do outro” acerca da sua presença.

Monteiro e Altmann (2014, p. 730) afirmam que o estranhamento que existe refere-se não só ao gênero masculino na função de professor, mas, “à sua escolha profissional, [...] os procedimentos adotados em momentos de cuidados corporais e à orientação sexual das crianças”. Observem que os questionamentos se respaldaram na presença do sujeito naquele espaço educativo, sua opção profissional, orientação sexual, os aspectos do trabalho pedagógico e notadamente os cuidados de higiene e a utilização dos sanitários pelas crianças do sexo feminino.

Ressalta-se que a Educação Infantil é um campo de atuação possível tanto para homens como para as mulheres, sendo então, preciso romper com os preconceitos e segregações advindos das questões de gênero e também de sexualidade.

Sobre o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos, Gonçalves et al. (2015, p. 6), ressalta que, “o professor, independente do gênero, necessita de formação adequada, na qual tenha uma concepção de criança como sujeito histórico, social, cultural, biológico, entre outros”. Desta forma, entendemos que a criança precisa conviver com ambos os sexos. No caso de profissionais que trabalham na Educação Infantil, a preocupação deve ser antes de tudo, com a formação adequada para atuar na área da docência, a fim de contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

### **Considerações finais**

Neste artigo buscou-se compreender como se dá o trabalho docente de professores homens que atuam na Educação Infantil, uma vez que se torna mais questionador o trabalho masculino nesta etapa da educação, à medida que esse segmento necessita de atenção e cuidados por parte de um adulto.

De acordo com o exposto, é possível afirmar que a Educação Infantil ainda é percebida como uma etapa do ensino que socialmente é atribuída ao gênero feminino e que causa estranhamento e segregação à figura masculina nessa etapa de ensino.

Na literatura pesquisada ficaram evidenciadas as dificuldades encontradas por esses profissionais ao adentrarem a Educação Infantil e lidar com as crianças de 0 a 5 anos. Algumas dificuldades estão subsidiadas nos embates sociais e preconceitos oriundos da comunidade escolar, criando barreiras na atuação destes profissionais, ou seja, discursos de que homem não tem o dom, atenção e jeito para lidar com crianças pequenas.

Todavia, ressalta-se que a educação infantil é uma modalidade de ensino possível tanto para homens como para mulheres. Docentes, independente do sexo, necessitam de uma formação adequada para desenvolver uma Educação Infantil que reconheça a criança como cidadã, ser humano que possui aspectos fisiológicos, psicológicos, intelectuais, afetivos, sociais e culturais.

É importante destacar a defesa feita sobre a presença de professores do sexo masculino na docência, especialmente na Educação Infantil, pois os homens, também podem trabalhar com essa etapa da Educação Básica, independentemente do gênero, desde que preparados, com formação acadêmica profissional adequada para desenvolver com as crianças um o trabalho pedagógico de qualidade.

## Referências

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº9394, 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acessado em 29 de jun. 2019.

CHAMON, M. **Trajetória de feminização do magistério: ambiguidades e conflitos.** Belo Horizonte: Autêntica/FCH – FUMEC, 2005.

FERREIRA, José Luiz. **Homens ensinando crianças: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na Escola Rural /** João Pessoa : UFPB, 2008. 155 f. Tese (Doutorado)

GONÇALVES, Josiane Peres. O trabalho de homens professores com crianças de educação infantil: as representações sociais dos gestores escolares. **Itinerarius Reflectionis**, v. 11, n. 1, 2015, p. 1-19. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/35108/pdf>. Acesso em: 1 jun. 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, 2007, p. 595-609. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>. Acesso em: 15 mai. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONTEIRO, Mariana Kubilius. ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 15, 2014, p. 720-741. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v44n153/a12v44n153.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2019.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG**. 2011, 139 f. Dissertação (mestrado), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, 1999, p. 7- 40. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a01.pdf>. Acesso em: 22 de mai. 2019.

SAYÃO, Thomé Débora. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil**: um estudo de professores em creches. Florianópolis: tese de doutorado em educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2005.

SOUZA, José Edilmar de. **Por acaso existem homens professores de educação infantil?**: um estudo de casos múltiplos em representações sociais (Mestrado)/ Fortaleza: UFC, 2011. 207 f. Dissertação.